Dia 30 — São Abdão e Senen, Mártires

Décio, general do exército que o imperador Filipe havia enviado contra Macriano a Jotapiano , foi declarado imperador pelas legiões da Panônia e da Mésia no ano de Cristo 249; e logo publicou cruéis editos contra os cristãos, enchendo todas as províncias de horrível carnificina. Assegura Dionísio, bispo de Antioquia, citado por Eusébio de Cesareia, que esta sétima perseguição, segundo o cômputo de Orósio, foi tão terrível que os fiéis se persuadiram de que havia chegado aquele tempo vaticinado pelo Senhor em que seria tão grande a tentação que até os mesmos eleitos, se fosse possível, seriam induzidos em erro. Durou esta cruel e injusta guerra contra os cristãos até o ano de 251, e nela foi quando nossos dois santos Abdão e Senen alentaram os fiéis com sua magnanimidade e encheram de esplendor toda a Igreja com a glória de seu martírio.

Foram persas e de família tão distinta por seus grandes bens como por sua antiga nobreza; mas muito mais recomendáveis pela ventura de serem cristãos e de edificar com sua virtude, com sua caridade e com seu zelo todos os fiéis. Toda a sua ocupação era concorrer aos cárceres para consolar e assistir os confessores de Jesus Cristo e entrar nas casas dos pobres cristãos para socorrê-los e até para prevenir suas misérias e necessidades. Deixavam-se ver ao pé dos potros e dos cadafalsos para esforçar os mártires e, depois de mortos, procurar que se lhes desse sepultura. Igualmente respeitáveis por seu nascimento como por sua notória bondade, nunca lhes faltava ocasião para fazer a seus irmãos estes caritativos ofícios. Animada sua indústria de um zelo verdadeiramente cristão e sustentada com suas excessivas esmolas, fazia cada dia mais florescente aquela aflita cristandade. Tardou pouco aquela heroica caridade em receber a justa recompensa devida a tão gloriosos trabalhos; foram delatados ao imperador os dois cavaleiros cristãos como os maiores inimigos dos deuses do império.

Acabava Décio de triunfar ditosamente dos persas. Atribuindo sua vitória à proteção dos deuses, a título de agradecido e de devoto fez-se mais cruel contra os cristãos; e, encaprichado mais que nunca em suas ímpias superstições, resolveu exterminá-los em todos os seus domínios. Informado de que nossos dois santos se valiam da autoridade que lhes dava seu nascimento e suas riquezas unicamente para infundir mais alento e maior generosidade no coração dos cristãos, julgou que não podia dar maior gosto aos gentios que lançar mão daqueles dois ilustres inimigos do paganismo. Foram, pois, presos Abdão e Senen; quis vê-los o imperador e recebeu-os com a distinção que mereciam por seu nascimento e por outras muitas belas prendas pessoais; falou-lhes a princípio como quem desejava ganhar-lhes o coração e o espírito; responderam-lhe os santos com respeito e com discrição cortesã; mas quando chegou o caso de tocar o ponto da religião e lhes declarou que era preciso uma de duas coisas: ou deixar de ser cristãos ou incorrer em sua desgraça, não deliberaram um momento. «Somos cristãos — responderam — e fazemos glória de sê-lo. Senhor, se para merecer a benevolência de Vossa Majestade for preciso sacrificar nossa

quietude e nossos bens, prontos estamos a fazer este sacrifício; mas vós mesmo podeis julgar se será razão preferir a graça dos homens à de Deus e perder a do Criador por merecer a do príncipe.»

Irritado o imperador com esta resposta, disse-lhes que não conhecia outro Deus que os deuses do império e que absolutamente queria, sob pena da vida, que eles adorassem os mesmos deuses que ele. «Grande príncipe — replicaram os santos —, a mesma razão natural está demonstrando que não pode haver muitos deuses; no império não se poderiam sofrer dois donos igualmente soberanos. Esses que chamais deuses são demônios, macacos ridículos da divindade, que zombam dos homens. Não há mais que um só Deus, soberano dono do universo e criador de todas as coisas; a este adoramos como a nosso soberano dono, que o é também vosso.»

Fora já de si o imperador (tão arrebatado estava), respondeu-lhes aceso em cólera: «Eu saberei bem vingar nossos deuses de vossas blasfêmias e fazer-vos arrepender de vossa impiedade.» Quis atormentá-los desde logo; mas, temendo alguma sublevação num país onde eram tão respeitados os dois santos e em que seu império ainda não estava muito afiançado, contentou-se com mandá-los assegurar entre os prisioneiros que haviam de ser conduzidos a Roma, destinados para o triunfo.

Não se pode explicar os muitos trabalhos que padeceram nossos mártires naquela penosa e dilatada viagem: a dureza dos guardas, a crueldade dos oficiais, os insultos dos soldados e ver-se confundidos entre uma multidão de prisioneiros pagãos da escória do povo; mas o consolo de que padeciam por amor de Jesus Cristo e a esperança de derramar o sangue por sua glória lhes compensavam com excesso as fadigas, ultrajes e tormentos. Foi muito longa a viagem, mas ainda foi muito mais penosa, e sem milagre não parecia possível que os santos sobrevivessem a tantos trabalhos.

Fez o imperador sua entrada em Roma com toda a pompa de conquistador; e, tendo servido nossos dois santos de ornamento ao aparato do triunfo, foram entregues ao prefeito Valeriano como os dois maiores inimigos que haviam tido até então os deuses do império. Compareceram diante de seu tribunal, e todo o concurso ficou admirado ainda mais da modéstia dos dois mártires que da magnificência de seus vestidos e do brilhante resplendor de suas joias e pedraria. Era grande e geral o desejo de que saíssem livres; e, tendo-os exortado inutilmente a que renunciassem a fé, dispôs-se um altar na mesma sala da audiência, sobre o qual se colocou um ídolo de Júpiter, e fizeram-se quantas diligências foram possíveis para persuadir os dois santos a que ao menos afetassem as cerimônias de que lhe ofereciam sacrifício; mas jamais se pôde reduzi-los ao mais leve disfarce. «Somos cristãos — diziam em alta voz —, fazemos glória de sê-lo; não entendemos de disfarce em matéria de religião; não adoramos mais que um só Deus, e só a ele se devem oferecer sacrifícios; vossas sonhadas deidades são invenção de vossas fábulas, e, conhecendo nós sua ridicularia, jamais poderemos incorrer em vossas impiedades.» «Chamais impiedade — replicou o prefeito — o reconhecer por deus o sol, deus de vossa nação e adorado como tal por vossos pais?» «Não tem dúvida — replicaram os santos —; onde há coisa mais ímpia que reconhecer por deus uma pura criatura? Tão descaminhados viveram neste ponto nossos pais como vós, e nisso estamos nós muito longe de imitá-los; nunca diremos e nunca sentiremos outra coisa.»

Tendo dado conta Valeriano ao imperador da imutável constância na fé dos dois mártires, determinou-se que os dois persas fossem levados à força diante da estátua do sol e que, para não ficar desairada esta resolução, com a mesma força se os obrigasse a oferecer incenso ao ídolo. Fez-se assim e, conduzidos Abdão e Senen violentamente ao templo do sol, em lugar de oferecer incenso à estátua, cuspiram-lhe com horror e com desprezo. Levantou furiosamente o grito todo o concurso, clamando contra o sacrilégio. No ponto se ordenou que fossem açoitados com chicotes de chumbo como vis escravos e que, depois de os terem despedaçado até que se lhes descobrissem os ossos, fossem expostos às feras no anfiteatro.

Executou-se a sentença com mais barbaridade do que se havia pronunciado. Despedaçaram a açoites as duas inocentes vítimas com tanta crueldade que, a não conservar-se-lhes a vida por milagre, teriam expirado no suplício; mas em meio daquele granizo de açoites ouvia-se-lhes cantar louvores ao Senhor, rendendo-lhe muitas graças pela mercê que lhes fazia de contá-los no número das vítimas destinadas a ser sacrificadas por seu amor. Depois daquela cruel carnificina, descobrindo-se-lhes os ossos por entre as chagas que lhes desfiguravam todo o corpo, foram expostos às feras em meio do anfiteatro. Havia concorrido a ele um imenso gentio, ainda mais por ver despedaçar dois insignes inimigos dos deuses do que dois cavaleiros persas. Lançaram contra eles dois ferozes leões e quatro ursos famintos que, saindo com furor das jaulas, correram arrebatadamente para as duas inocentes vítimas. Estremeceu o concurso, mas logo se converteu em admiração o horror quando viram que, chegando as feras à presa, perdendo no mesmo ponto sua ferocidade, se prostraram aos pés dos santos como para respeitá-los e render-lhes homenagem. Achava-se presente o prefeito e exclamou: «Não se pode negar que estes dois cristãos são dois grandes magos; olhai como amansaram as feras de repente.» Mas a multidão discorria de muito outra maneira: ouvia-se gritar de todas as partes que somente o poder do Deus dos cristãos era capaz de obrar aquela maravilha; e, temendo Valeriano que aquele prodígio fizesse demasiada impressão nos ânimos, chamou os gladiadores que estavam presentes e mandou-lhes que degolassem os dois mártires na porta do anfiteatro, o que se executou ao instante. Não se aplacou com seu sangue a raiva do prefeito; mandou que, atando-os pelos pés, os levassem arrastando até o pedestal da estátua do sol, e ali estiveram três dias sem sepultura, não se atrevendo ninguém a dar-lha, até que um subdiácono chamado Quirino os retirou de noite e, metendo-os numa caixa de chumbo, os teve em sua casa todo o tempo que durou em Roma a perseguição. Foram descobertos no império do Grande Constantino e, levantados da terra, trasladaram-nos ao caminho de Porto, colocando-os no cemitério de Ponciano, onde hoje em dia se vê sua imagem de escultura muito antiga, juntamente com seus nomes. Diz-se por muito certo que os corpos dos santos Abdão e Senen foram parte das relíquias que o papa Gregório IV enviou à França no ano de 828, por mão de Eginhardo, e que foram trasladadas à abadia ou mosteiro de São Medardo de Soissons , onde se conservaram até as guerras dos huguenotes, que as queimaram no século décimo sexto.

Martirológio Romano

Em Roma, São Abdão e São Senen, persas, mártires, os quais, sob o imperador Décio, foram levados à dita cidade carregados de cadeias, onde foram desde logo acardenalados seus corpos

com chicotes de chumbo e depois passados a cutelo pela fé de Jesus Cristo.

Em Tuburbo, na África, Santa Máxima, Santa Donatila e Santa Segunda, virgens e mártires durante a perseguição de Valeriano e de Galiano: foram as duas primeiras amargadas com fel e vinagre, depois moídas a golpes, atormentadas no potro, tostadas em grelhas e esfregadas com cal. Por fim, expostas às feras com a virgem Segunda, de idade de apenas doze anos, sem receber delas mal algum, foram degoladas.

Em Assis, na Úmbria, São Rufino, mártir.

Em Cesareia, na Capadócia, Santa Julita, mártir, a qual, tendo reclamado em justiça os bens que um poderoso lhe havia usurpado e replicando este que, sendo cristã, não devia ser ouvida, recebeu no ponto a ordem do juiz de oferecer incenso aos ídolos para que pudesse ser ouvida em justiça. Opôs-se ela denodada, e a lançaram ao fogo onde morreu. Mas as chamas deixaram ileso o santo corpo. São Basílio, o Grande, celebrou seus encômios num brilhantíssimo panegírico.

Neste mesmo dia, São Silvano, varão apostólico, que pregou o Evangelho nas Gálias.

No Abruzzo, Santa Justa, mártir.

No Egito, São Bisoes, solitário, discípulo de São Sanudas .

Em Faenza, São Terêncio, diácono.

Em Cantuária, São Tatuíno , nono bispo daquela cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui sanctis tuis Abdon et Sennen ad hanc gloriam veniendi copiosum munus gratiæ contulisti; da famulis tuis suorum veniam peccatorum, ut sanctorum tuorum intercedentibus meritis, ab omnibus mereamur adversitatibus liberari. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que concedestes a vossos santos Abdão e Senen um copioso dom de graça para chegar a tanta glória, concedei-nos a nós, vossos servos, o perdão de nossos pecados, para que, por amor dos méritos de vossos santos, sejamos livres de todas as adversidades. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 6 da segunda que escreveu o apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 6,4-10

> **Latim:** [4] sed in omnibus exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros in multa patientia, in tribulationibus, in necessitatibus, in angustiis, [5] in plagis, in carceribus, in seditionibus, in laboribus, in vigiliis, in jejuniis, [6] in castitate, in scientia, in longanimitate, in suavitate, in Spiritu Sancto, in caritate non ficta, [7] in verbo veritatis, in virtute Dei, per arma justitiæ a dextris et a sinistris, [8] per gloriam, et ignobilitatem, per infamiam, et bonam famam : ut seductores, et veraces, sicut qui ignoti, et cogniti : [9] quasi morientes, et ecce vivimus : ut castigati, et non mortificati : [10] quasi tristes, semper autem gaudentes : sicut egentes, multos autem locupletantes : tamquam nihil habentes, et omnia possidentes.

Português: [4] mas em todas as cousas nos portemos em nossas mesmas pessoas como ministros de Deos, na muita paciencia, nas tribulações, nas necessidades, nas angustias, [5] nos aqoutes, nos carceres, nas sedições, nos trabalhos, nas viglias, nos jejuns, [6] na castidade, na sciencia, na longanimidade, na mansidão, no Espirito Santo, na caridade não fingida, [7] na palavra da verdade, na virtude de Deos, pelas armas da justiça, na prosperidade, e na adversidade, [8] por honra, e por deshonra, por infamia, e por boa fama: como enganadores, ainda que verdadeiros: como os que são desconhecidos, ainda que conhecidos: [9] como morrendo, e eis-aqui está que vivemos: como castigados, mas não amortecidos: [10] como tristes, mas sempre alegres: como pobres, mas enriquecendo a muitos: como que não tendo nada, mas possuindo tudo.

Nota

«Pelo texto grego se conhece que esta parte da epístola de São Paulo não se entende dos coríntios, mas unicamente dos ministros do Evangelho e singularmente do mesmo santo apóstolo. Contém esta epístola as principais virtudes dos bispos e dos outros ministros de Jesus Cristo.»

Reflexões

Mostrem-se os ministros de Deus em todas as coisas tais quais devem ser, e logo se encherá o mundo dos prodígios que obrarão; pois se verá tudo convertido. Nenhuma coisa dá mais eficácia a

nossas palavras que nossos exemplos. Qual deve ser a viveza da fé, qual a pureza de costumes e a eminente santidade dos ministros do Altíssimo! Daqueles visíveis mediadores entre Deus e os homens! Daqueles sacerdotes do Deus vivo, cuja dignidade é reverenciada das potestades da terra e cujo caráter sagrado se faz respeitável aos anjos do céu! Podem aproximar-se do altar sem sentir-se preocupados de um santo terror? Podem ter em suas mãos a divina Hóstia sem experimentar os maravilhosos efeitos de sua presença? Saiu Moisés da conversação que teve com Deus no monte lançando chamas de fogo seu semblante; como é possível que saia do altar um sacerdote sem novo fervor? Sem mais terna devoção? Sem mais perfeita virtude? E um sacerdote animado desta viva fé, um sacerdote acendido neste divino amor, um sacerdote todo fervor e todo zelo, será um ministro pouco eficaz? Haverá no mundo pecador tão empedernido que não se renda a sua voz? Os exemplos, o porte, os costumes pregam mais eloquentemente que as palavras; estas excitam, mas aqueles convencem e movem o coração. Um dos maiores castigos com que Deus ameaça a seu povo é que lhe dará sacerdotes tão imperfeitos, tão indevotos, tão pouco religiosos e tão desedificantes como os seculares, como o mesmo povo: *Sicut populus sit sacerdos.* Essas pessoas sagradas por seu caráter, dedicadas ao ministério dos altares por profissão, adquiridas ao Senhor por título particular; esses oráculos do Deus vivo, intérpretes de sua vontade, depositários dos méritos e do sangue do mesmo Jesus Cristo, seus favorecidos e seus ministros, encarregados das orações do povo por seu emprego, obrigados a servir de luz por seu estado, destinados a louvar dia e noite o Senhor por seu ofício, cuja vida há de ser escondida em Jesus Cristo, não deveriam representar a nossos olhos a vida deste mesmo Senhor na sua, segundo a expressão do Apóstolo? Seus dias não são seus; o que os chamou a seu serviço os reservou todos para si. Toda ocupação profana lhes está proibida; motivos, ações, desejos e até sua mesma inação ou repouso, tudo deve ser santo, tudo sagrado; sendo respeitáveis aos mesmos anjos por seu caráter, não o devem ser menos aos homens por sua santidade e por seu arranjado porte. Que desolação, exclamava em outro tempo o Profeta, que desolação, que escândalo é o que se vê em Jerusalém! As pedras do santuário, tão dignas de nossa veneração enquanto estavam em seu lugar, veem-se hoje desencaixadas e dispersas por todos os cantos das ruas; todos as pisam, todos as desprezam desde que já não servem para seu destino:

Dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum. Oh, e quanto significa esta alegórica expressão!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,1-12

> **Latim:** [1] Videns autem Jesus turbas, ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus, [2] et aperiens os suum docebat eos dicens : [3] Beati pauperes spiritu : quoniam ipsorum est regnum cælorum. [4] Beati mites :

> quoniam ipsi possidebunt terram. [5] Beati qui lugent : quoniam ipsi consolabuntur. [6] Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam : quoniam ipsi saturabuntur. [7] Beati misericordes : quoniam ipsi misericordiam consequentur. [8] Beati mundo corde : quoniam ipsi Deum videbunt. [9] Beati pacifici : quoniam filii Dei vocabuntur. [10] Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam : quoniam ipsorum est regnum cælorum. [11] Beati estis cum maledixerint vobis, et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, propter me : [12] gaudete, et exsultate, quoniam merces vestra copiosa est in cælis. Sic enim persecuti sunt prophetas, qui fuerunt ante vos.

Português: [1] EVENDO Jesus a grande multidão do povo, subiu a hum monte, e depois de se ter sentado, se chegárão para o pé d'elle os seus discípulos, [2] e elle abrindo a sua boca os ensinava, dizendo: [3] Bemaventurados os pobres de espírito: porque d'elles he o reino dos ceos. [4] Bemaventurados os mansos: porque elles possuirão a terra. [5] Bemaventurados os que chorão: porque elles serão consolados. [6] Bemaventurados os que tem fome, e sede de justiça: porque elles serão fartos. [7] Bemaventurados os misericordiosos: porque elles alcançarão misericordia. [8] Bemaventurados os limpos de coração: porque elles verão a Deos. [9] Bemaventurados os pacíficos: porque elles serão chamados filhos de Deos. [10] Bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça: porque d'elles he o reino dos ceos. [11] Bemaventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós mentindo, por meu respeito. [12] Folgai, e exultai, porque o vosso galardão he copioso nos ceos: pois assim tambem perseguirão aos profetas, que forão antes de vós.

Meditação

Das adversidades a que estão expostos os bons

Primeiro ponto

Considera que é grande sem-razão queixar-se da Providência porque aos melhores, aos maiores servos de Deus, às almas mais inocentes as expõe ao fogo das maiores perseguições e das mais sensíveis adversidades, às tentações mais violentas e mais enfadonhas. Se se conhecesse o que valem e o que aproveitam essas borrascas, nada se temeria tanto nesta vida como a calma e a serenidade. Essas pedras que de todas as partes nos arrojam são, digamo-lo assim, pedras preciosas, cujos menores fragmentos se deveriam recolher com o maior cuidado. O fogo purifica o ouro; e, se o ouro tivesse razão e conhecimento, não se queixaria de que o metessem em meio das chamas. A Escritura diz que aqueles três meninos tão fiéis a Deus não só não os tocou de maneira alguma o fogo, mas nem ainda os contristou: *Non tetigit eos omnino ignis, nec contristavit eos.* Grande milagre; mas não é menor o que os justos nos põem à vista na adversidade. Desenganemo-nos; não há outro caminho mais seguro para salvar o pecador nem para santificar o

justo; é preciso curar aquele mau cristão do amor que tem ao mundo; ao outro imperfeito e tíbio é preciso curá-lo do amor que se tem a si mesmo. Para pôr o primeiro no caminho do céu e o segundo no da perfeição é necessária a adversidade; ela só pode obrar estas duas maravilhas; todos os demais meios os faz inúteis o amor aos prazeres ou a aplicação aos negócios. Não fala Deus de ordinário nem nas diversões nem em meio de uma risonha prosperidade; não fala nos concursos mundanos; e, se fala, não se o ouve. Os negócios não dão lugar para refletir sobre a salvação; a vaidade e os sucessos prósperos embriagam e tiram o conhecimento. É preciso que uma forte tempestade nos obrigue a tomar porto e a recorrer ao retiro. Aquela mulher está como embriagada de sua felicidade e de sua formosura; convém-lhe uma desgraça que lhe faça abrir os olhos; para salvá-la é muito importante que um acidente ou uma enfermidade a desfigure. Uma saúde robusta, um posto elevado, o favor do príncipe, tudo lisonjeia, tudo encanta, tudo aturde. Por mais que grite a consciência, não é ouvida. Bom é que uma enfermidade te aproxime da sepultura; que a perda de um pleito excite aqueles piedosos movimentos que estavam quase apagados; que uma desgraça derrame naquela alma fel e desgosto às coisas do mundo. Ah, e quão pouco se conhece o que valem as adversidades!

Segundo ponto

Considera que todos temos alguma coisinha que nos impede dedicar-nos a Deus inteiramente. Esse algo que se corta do sacrifício é nada, diz Santa Teresa; mas esse nada serve de obstáculo a grandes coisas. Poderias tu mesmo curar-te com o auxílio da graça; mas não tens valor, e talvez não sabes tampouco em que consiste teu mal; é preciso que, quando menos o pensares, venha o cirurgião e te meta a lanceta muito dentro da carne viva, porque o abscesso está inchado, e sem isso sempre viverias enfermo e irias consumindo-te. Não é assim que, ainda depois que te dedicaste a Deus, não te pudeste resolver a deixar o jogo, a cortar aquela amizade, que na verdade não é ilícita, mas te tem repartido o coração; a vencer o amor da vanglória e dos aplausos, a superar essa oculta emulação que te mantém em certa indiferença, se já não passa a frialdade; a reprimir esses modos altaneiros, e ainda talvez duros, com que tratas teus dependentes e ainda teus iguais? Bem conheces o dano que isto te faz; mas te espanta só o pensamento de pôr-te em cura, porque o mal está tão perto do coração que, para desarraigá-lo, é necessária uma operação violenta e dolorosa. O confessor também conhece o achaque; mas dissimula e te lisonjeia, ou não tem habilidade para curar-te dele. Se Deus te ama com alguma particularidade, é preciso que por si mesmo empreenda esta cura; é preciso que permita um rubor, um desconcerto em teus negócios, a morte de algum parente, de algum amigo, de algum protetor, um revés da fortuna, um pleito, um naufrágio. Enquanto viver aquela pessoa, ocupará teu coração, fomentará tua ambição, servirá de estorvo a tua perfeição e à salvação de tua alma. É amarga a adversidade, mas ao fim ela te cura. Aquele poderoso rodeado de tentações, de lisonjeiros, de honras, de diversões e de cargos há mister de um contratempo para voltar sobre si. Confessemos que é grande misericórdia de Deus, quando poderia castigar a alma que pecou, contentar-se com ferir o corpo, cujas chagas podem ser tão proveitosas. Isto é o mesmo que comutar a pena de morte numa ligeira multa. Poderia muito bem Deus abrir-nos outro caminho para o paraíso: é verdade; mas, se não o fez, pensarás que foi sem razão e só pelo gosto de ver-te padecer e de fazer-te miserável? Que conceito faríamos de um Deus tão bom se pensássemos isto dele? Esse Deus tão bom e tão misericordioso julgou que isto te convinha e que algum dia lhe darias muitas graças por ter-se

portado desta maneira contigo. Sendo isto assim, por que o entristeces de uma coisa de que temes de alegrar-te eternamente? Por que te queixas daquilo por que eternamente hás de estar dando graças ao Senhor?

Conheço meu erro, ó Deus de toda bondade! E me confunde a cegueira que padeci até aqui; vós sois o melhor de todos os pais; e, pois julgais que as adversidades me são tão necessárias, de hoje em diante as receberei como sinais de vosso amor.

Jaculatórias

> *Virga tua, et baculus tuus, ipsa me consolata sunt.* Sl 22.

Senhor, os golpes que descarregardes sobre mim, longe de afligir-me, serão de hoje em diante todo o meu consolo.

> *Bonum mihi quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas.* Sl 118.

Tenho por ventura, Senhor, que me tenhais afligido para ensinar-me a guardar vossa santa lei.

Propósitos

1. Na adversidade se aviva e se fortalece a virtude, quando na prosperidade se dissipa e se relaxa. É de admirar que seja tão difícil persuadir-se de que se pode ser feliz nos contratempos, quando se têm visto tantos desgraçados em meio das maiores prosperidades. Se há males invisíveis, não é impossível que haja também consolos que não se veem. Raras vezes se vê um homem feliz e que esteja plenamente contente em meio da prosperidade; pelo contrário, não se viu santo que não padecesse mil trabalhos nesta vida, e nenhum que não se tivesse por muito ditoso em meio dos maiores. Deixemos obrar a divina Providência; mais cuidado tem de nossos interesses que nós mesmos. Bem sabe Deus o que nos convém. Nunca se considerou José mais desgraçado que quando se viu vendido por seus mesmos irmãos; e, contudo, desta imaginada desgraça pendia toda a sua ventura e a de toda a sua nação. Deixa, pois, já de olhar com maus olhos as adversidades desta vida; convence-te de que te são proveitosas e até necessárias; recebe-as com ação de graças, pois com efeito são outros tantos benefícios.

2. Já se disse em outra parte que é um costume muito agradável aos olhos de Deus e muito proveitoso para o homem fazer ao Senhor alguma breve oração em ação de graças sempre que nos sucede alguma contradição ou algum contratempo: agora proporei outra que não é menos

meritória diante de Deus; esta é, durante o tempo da adversidade, fazer todos os dias alguma oração particular, dando-lhe graças pela mercê que te faz em tratar-te como aos mais queridos seus, levando-te pelo caminho mais direito e mais seguro para fazer-te santo. Guarda-te bem de que se te escape nem uma só palavra que cheire a queixa ou ressentimento; e, se alguém, com certa falsa amizade, mostra compadecer-se de tua sorte, retifica-lhe aquela falsa compaixão, dando-lhe a entender que tua sorte não é desgraçada e que o seria muito mais se em tudo fosses feliz; dize-lhe que Salomão, com toda a sua sabedoria, não se pôde conservar inocente em meio de uma longa prosperidade; dize-lhe que o mesmo Davi, aquele homem segundo o coração de Deus, que foi tão fiel enquanto durou a perseguição, caiu em pecado logo que se viu em paz e sobrado de tudo; dize-lhe aquelas belas palavras: *Beatus homo qui corripitur a Deo*: bem-aventurado aquele a quem Deus castiga como pai; dize muitas vezes com Jó: *Hæc mihi sit consolatio, ut affligens me dolore, non parcat*: meu maior consolo será que Deus não me perdoe neste mundo quando me aflige com adversidades;

lembra-te de que estas são necessárias ainda aos mesmos bons para preservá-los da corrupção, como o sal que consome e conserva; este é sinal de que te ama e de que quer ser amado de ti.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:51 by Admin